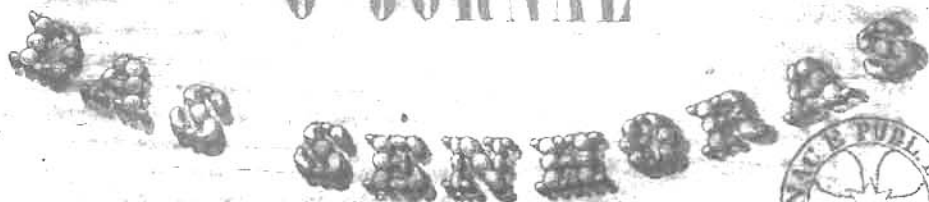


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS.

Um artigo de modas em Domingo de Entrudo! isso deve ser tão alegre e esturdio, tão leviano e indiscreto como o proprio dia. Que dizeis, minha querida Redactora?

De mais a mais eu não concedo que o titulo — ARTIGOS DE MODAS — absolutamente me feche em um circulo unico e me obrigue a falar somente das sedas, das cassas, dos vestidos, dos chapéus, dos penteados e dos tentadores colletes de emancipação, que por ahí fazem do nome um *Tú-tú para metter medo as crianças*, quando a moda é tão linda e arrebatadora que em muito pouco tempo havemos de ver colletes por todas as ruas, cantos, becos, travessas, largos e praças; na forma do antigo costume, já se sabe.

Não, minha querida, a nata da moda saborearemos em dias mais tranquillos. A moda do Domingo gordo é outra rapariga, parente muito afastada d'aquella: esta cá é trélega, desinquiete, pirrarenta, experta, nada lhe está bem, cousa alguma a agrada por muito tempo;

quebra! corta! pula! ri-se! molha e corre!
E de cabo,

Os moços ficão perdidos
E os velhos todos zangados.

E' a moda em fim do Carnaval, e como tal merece os meus cortejos por muitos motivos; estou disposta, já agora, a fallar de todas as modas, até mesmo a dos *namorados modernos*; essa hade ser dividida em 3 capitulos e 4 quadros representando o estio, a primavera, o outono e o inverno da vida, assim Deus me dê tempo e paciencia... tenho pano para mangas!!

Desnecessario é dizer-vos que gosto muito do entrudo; com a vossa penetração já deveis ter acertado com este meu fraco; pois acertastes deveras. Sou uma douda pelo brinquedo dos limões de cheiro *ben cheirosos*; ora quando eu jogo um limão sobre as costas de algum sujeito conhecido que vai passando pela rua, desconfiado e a olhar para traz, e o limão faz — *pôque* — bem em cheio!... dou gargalhadas a não poder mais. E se lhe acerta no chapéu e o sujeito trata logo de tiral-o da cabeça para ver onde acertou, e nesse intervallo posso jogar-lhe outro, mesmo na calva!... Jesus, quasi

morro de riso. São tres dias para mim de um prazer que eu não posso explicar! só visto.

Eu só, divirtio-me com todos, nem vós mesmo me haveis de escapar. Quereis saber? são os dias em que eu saldo as minhas contas, e pagão-me à vista. Todos, sem excepção de amizade, soffrem um logro, ou são malfiados cá pelas minhas mãozinhas. Sou uma louca cobrando dividas de entrudo.

Embora digão cá na nossa terra (os homens dizem — que nos viu nascer, mas eu digo — que nos viu táes e quaes) que o jogo de entrudo é barbaro, barbaros são elles. No Brasil é onde menos barbaros são esses tres dias impagáveis.

Querem a Europa para exemplo! Pois não; vão ver o que por lá se passa nos dias do Carnaval. Audent, vão Surs bigodes e barbas, observam; o que virão? fazemos de conta que já voltarão, e sem bazofia. Virão punhados de confeitos, e entre elles alguns de graúdo calibre, atirados de cima para baixo e de baixo para cima das janellas (e isto é o mais delicado) se algum vem direitinho aos olhos, adeus meninas de meus olhos! Procissões profanas de um acompanhamento numeroso de homens e mulheres de todos os tamanhos, grossuras e marcas, festejando a Baccho depois de jantar, tendo por andar uma pipa, que os maganões já esvasiarão, onde vai escarranchado o tunete em carne e osso, imagem viva do tal deus escorruptichador. Graúdes comezanas, jantares sobre jantares, e depois, grandes indigestões, atrevidos estúpores, fulminantes apoplexias; e os mais felizes ainda tem, passados os tres dias, o gosto de ferros velhos na boca e uma secura... capazes de beber toncis d'agua doce!

Isto é o que toca ao melhor, vamos agora á segunda parte — Jogo de laranjas verdes ou outra qualquer fruta pesada, que não seja alguma coco da Bahia de que elles gostão muito por lá, atiradas por mãos robustas de uns sobre os outros homens, e muitas vezes sobre mulheres; que ficão pedindo á Deus misericórdia; laranjas machuchas de cera, cheias de farinha de trigo, vermelhão ou pó de sapatos, que uma só é capaz de acabar um pobre vivente, se o apanhar em cheio e deseuidado! Sôcos, de arrancar olho pello e cabello, e mais outras coisas leves, assim como facadas, bofetadas, cabeças quebradas, olhos esburachados, etc., etc.

Mas deixemos cada um com o que é seu,

minha querida Redactora; brinquemos segundo a rôca e o fuso do nosso paiz; não nos tragão a Europa, por ser velha, para servir-nos de exemplo, porque ella nestes dias brinca e delira mais que o Brasil sendo criança. Vão, vejam com os seus proprios olhos, e voltem fallando a verdade.

Está claro, que estou fallando da gente de meia tigella, como diz o meu primo dos eclipses, da gente baixa do povo que forma taes costumes. E o que faz aqui essa gente? comparemola; antigamente ain la fazião alguma coisa, hoje passão insipidamente, apenas um barril d'agua entornado da cabeça de algum preto, ou um pouco de polvilhos com que lhe besuntão os focinhos, causa muitas risadas na rua, e está acabado o entrudo para elles. Pó! coisa ruim.

Fallando então da gente fina e d'aquella que pode despendir de dois mil réis para cima, é outra coisa, essa gente tem á noite os bailes mascarados, os quaes este anno deyem ser mui frequentados pela novidade de serem dados provisoriamente no campo de Santa Anna, em quanto que o Theatro de S. Pedro ergue-se das cinzas; sacudindo-se ain la das faiscas que ha pouco o abrasarão, para offerecer pressuroso em 1852 a repetição das bellas e encantadoras noites do Carnaval que se passarão no seu vasto e brilhante salão em 1851!

É mui curioso visitar os theatros nessas noites de prazer e de galhofa, e este anno sobre tudo que é bissexto; eu por mim não perco a visita, na forma do costume; sou fanatica por um baile mascarado em que ha muita gente, muito barnho, e muitas cousas exquisitesas; quanto mais esturdió é o mascara, mais me faz rir. É pena que a maior parte dos mascaras que eu tenho visto no Rio de Janeiro não cuidem de representar bem o seu papel; em geral tomão vestuarios, somente porque são bonitos, sem consultarem o seu caracter, e por isso muitas vezes o sacrificio debaixo de uma mascara que lhe é impropria. Eu sempre tomei um dominó e uma pequena meia mascara de seda preta, não só por ser o mais adoptado, como porque debaixo destas vestes qualquer genio ou caracter vai sempre bem.

Heide contar-vos tudo quanto por lá vi de melhor, e as lograções que fiz e desfiz.

A proposito de lograções, vou contar-vos, aqui muito em segredo, as peças que estou

preparando para Domingo pregal-as mesmo na bochecha de certas e determinadas pessoas da nossa amizade.

A primeira pessoa que hade pagar-me (olá se hade) a conta que deve das massantes explicações que me tem dado, a respeito dos *pagaios de papel, em ponta grande*, é o meu primo das eclipses; esse tem a primazia por ser o primeiro — Deus te salve — com quem me heide encontrar de manhã cedo. Não vos declaro o que tenho preparado para esse fim, para que elle não venha a saber: mas tarde sabereis.

O segundo é o meu medico de partido; receitou em todo o anno de 1851 sangrias e mistura salina somente, para toda a inihua familia, e em paga de tão prudente receituário vou presentear-o com uma bem cheirosa empada ouca, rechejada de aranhas vivas e suas competentes têias, os moquitos e as mosquinhas que ficarão presos tambem hão de ir — além do ordenado, que já lhe foi pago. O terceiro é um velho de velha amizade nossa, amigo de bons bocados e de jantar fóra de casa, porque diz, que a sua sala de jantar (ha salas assim) o afronta e tira-lhe o appetite. Faz muito bem em arejar. Como já lhe mandei o anno passado uns pastelinhos cheios de sal moido, elle ha de estar ressabiado, vou agora mandar-lhe fios de linha passados em *gemma d'ovos*, e já picados, para não dar com o logro; heide logral-o, porque não ha coisa que mais perfeitamente imite um prato de fios de ovos delicados e appetitosos.

Tenho para o meu cunhado camarista uma peça... ora é pena que não a possa revelar; mas pena maior seria se elle não fosse logrado e eu perdesse o meu tempo; tende paciencia, que eu vos contarei depois.

Ora, além destas peças, preparo outras, que mudão todos os annos, e que desta vez hão de ser as seguintes, as quaes vos revelo para, se vos der a tentação, tambem lançardes mão de alguma: são todas ellas muito faceis de preparar e bem engraçadas; se o marmanjo é tolo, ainda melhor.

— Biscoutos *purgativos*; são tão bem feitos que ninguem pensará encontrar nelles um *des-tempo*. Ven' em-se na rua do Hospicio.

— Pão-de-lo de caixinha contra vérmes: é até uma obra de caridade offerecel os aquem mostrarem pelos olhos que tem esse mal. Ven-dem-se na rua de S. Joaquim.

— Balas peitoraes feitas com pedaçinhos de

breo ou resina, pulverisados com canella e bem embrulhadinhos. Que logro!

— Algumas pimentas postas sobre um brazeiro e cubertas por cima com cinza, a um canto da sala, tendo o cuidado de conservar as janellas fechadas... isto só experimentado; é uma graça de fazer rir ás gargalhadas!...

— Hum frigideira de rotha queimada partida em rodellas; quem deitará de acreditar que são linguças picadas!

— Esta é uma das mais divertidas ao jantiar: pega-se um frango e embebeda-se com duas colheres de sumo de aipo, depois depenna-se, e com um pouco de assafrão da-se-lhe a cor de frango assado, deita-se um pouco de gordura queimada por cima, e vae para a meza o *petiseo*, logo que a occasião for apropriada, chega-se-lhe ao bico um pouco de *vinagre forte*, e ali vereis o frango, com ares de noivo da roça, a saltar por cima da mesa, pulando copos e pratos até escapar-se ao espanto e risadas geraes dos circunstantes.

— Doce d'ovos em calda de pimentas; palitos embebidos na agua das ditas; sai refinado por assucar; tudo isto vou pôr em pratica nestes tres dias; não me ha de escapar camarão pela malha e heide brincar, como sempre, douda pelo jôgo de entrudo. O que lhe havemos fazer!

— Neste momento estou ouvindo o meu primo dos eclipses dizer na sala, que foi visitar a caza da Sra Luigia Balestra, costureira veneziana na Rua da Carioca n. 118, e que ali encontrára lindos dominós e costumes de qualquer época, alugados ou vendidos por preços rasoaveis; está tão influído, que me faz rir ás gargalhadas... ora vou fazel-o ficar ainda mais tonto do que elle é. Fechemos aqui este senhor artigo, e vamos á sala.

Calette, 30 de Fevereiro.

Linguagem das Flores.

(Continuação.)

ROSA. BRANCA.

SILENCIO.

O mysterio é o maior encanto do amor.

Os Gregos fizerão da rosa o emblema da juvenude; e debaixo deste ponto de vista a consagrarão á *Dea-rosea*, deusa com dedos de rosa, como dizião os antigos poetas — á Aurora. —

Como emblema da belleza era consagrada a Venus, e a dedicavão a Cupido, quando era o emblema do amor: depois ás Graças quando estas acompanhavão o filho de Venus.

E' bem natural que a flor da juventude, da belleza e do amor tenha alguma relação com o mysterio. Frequentemente vemos HARPOCRATE, *Deus do Silencio*, representado com uma rosa na mão; eis a razão. Um dia surpreendeu elle o Amor, que se esquecia da sua divindade nos braços de uma joven e bella Nymphe. O Deus da Voluptuosidade para o obrigar ao silencio o presenteou com uma rosa branca.

Rosemberg julgou que a tradição d'esta antiga fabula dera origem entre os povos do Norte da Europa a certo costume mui singular.

« Quando querião conservar no mais profundo segredo o que se passava entre elles durante a alegria dos festins, penduravão no tecto, por cima da cabeceira da mesa, uma rosa colhida de fresco. Era não só deshonra, mas até crime sem exemplo, revelar o que se dicesse ou tivesse passado em presença da rosa. »

ROSA AMARELLA.

INFIDELIDADE.

O HOMEM PERSUADE-SE que pode ser infiel e constante ao mesmo tempo.

Fez-se da rosa amarella o emblema da infidelidade, por causa da cor que é, como se sabe, a dos amantes trahidos. Este genero de perfidia, tão mortificante para um coração sensível e cheio de amor, inspira pouca piedade para com aquelles, que são victimas d'ella, e ainda por uma leviana injustiça os cobrem de ridiculo. Por uma outra injustiça igualmente singular os homens mais amantes, os mais delicados, aquelles mesmos, que rigorosamente exigem, que uma mulher evite as mais pequenas apparencias de leviandade, esses mesmos digo, persuadem-se que a infidelidade lhes deve ser perdoada em compensação de sua constancia.

(continua.)

CHRONICA DOS SALÕES.

Na semana passada tivemos os primeiros movimentos da nossa proxima epocha dos bailes; os primeiros batedores apparecerão annunciando-nos essa bella estação cheia de prazeres e encantos, e já nos offererão as deliciosas provas d'esse phantastico Eden da corte.

A Sociedade RECREAÇÃO CAMPESTRE deu o seu primeiro baile em a noite de 27 do corrente, com sempre, alegre, animado, e bem dirigido. Se me fosse permitido ser mais extensa, eu descreveria a graça de uns lindos olhos que vi, e o bom-tom de um diaphano vestido azul, aberto no peito, ao molde do ultimo figurino que apresentastes. E' uma das interessantes bellezas do baile campestre.

A PHILEUTERPE deu a sua reunião concertante em 28; estava completa e brilhante. As vozes d'aquelles anjinhos de candura cada vez me agradão mais, e não sei... está me parecendo que em breve será a Phileuterpe a primeira das nossas reuniões, no seu genero.

A Sociedade de BENEFICENCIA PORTUGUEZA, offereceu-nos um baile abundante e bem servido na noite de 14, ao qual assistirão 2,955 pessoas. Este baile, todo consagrado em favor do louvável titulo que a sociedade tomou, deu vantajoso resultado a sua expectativa, pois tendo ella despendido grandes sommas para em tudo se tornar brilhante e pomposa a sua reunião, ainda lhe ficou em caixa consideravel colheita, com a qual muito desejamos que a Sociedade prospere, assim como todas as outras deste genero, que levão pressurosas o alivio ao enfermo e a consolação ao desvalido.

Consta-me que o Sr. Her Alexander pretende dar a sua ultima representação em favor da Sociedade BENEFICENTE ALEMA, fazemos votos para que se realise mais esse acto de beneficencia popular; e desde já dirijo os meus cumprimentos ao Sr. Her Alexander.

Estrella.

POESIA.

Meu vegetal — quem me derá?
Quem me dera meu — ser planta!
Vivera, morrera um dia,
Não sentira, não — dór tanta!!

GLOZA

Emblema da perfeição!
Typo do bello ideal!
Tu és meu bem, és meu mal,
Minha vida e perdição!
Possua um coração.
Que já coração não era;
Tua-belleza o fizera
Arpejar canções de amor!
Hoje que todo elle é dor.....
Meu vegetal — quem me dera?

JORNAL DAS SENHORAS LUNDU.

Lith. de F. J. Leites, rua d'Apudá N.º 213.
A. P. S. FEL



All.^o
Piano

Ya ya sinha venha cá, meu bem. Venha matar seu ba-

bô-zo Mas não mate elle to-do meu bem, Com

seu meu dengue mi-mozo. Mendingues fe-ta-dos E minha si-

nhá. Pimentas de cheiro. Bô-los de fu-bá. Tudo isto me-

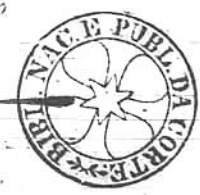
ci do Por mão de si - nhá Qual será o de - monio Que não come -

rã! Tu - do isto me chido Por mão de si -

nhá Qual será o de - monio Que não co - me - rã.

D.C.

Môa toda a sua rava - meu bem,
 Eu sou seu almofari -
 Machuque bem machucado
 Me quebrei bem o nariz.
 Eu já escamei o peixe.
 Os temperos já bolci.
 Tudo ficou bem lavado -
 Os alhinhos já esfreguei.



Não sofrera, nem sentira,
 Nem amor, nem seus tormentos!
 Era planta exposta aos ventos;
 A chuva, o sol me nutrirá,
 Uma planta não suspira!
 Não sente effluvio que encanta;
 Não vê belleza que espanta!
 Como é bello! Nasce exerce,
 Vejeta, murcha e perece!!
 Quem me dera, meu — ser planta!

Mas não, ser planta não quero!
 Quero sentir, ter ardor
 Viver de ti... teu amor...
 Seres minha... ainda espero!
 F. lena, o destino fero
 P'ra mim só tem tyrannia!
 Uma feita eu revolvia
 Meu passado e, por mais lida
 Achei que uma vez na vida
 Vivera, morrera um dia;

Mas vida e destino assim,
 Céos, eu não heide ter mais!
 Lembranças cruéis — punhais
 São que traspassão-me a mim!
 És um anjo, és cherubim!
 Pertences á tribú santa!
 Mortal que teus mimos canta
 Arde em fogo abrasador!
 Se eu não tivera-te amor.
 Não sentira, não — dór tanta!!

S...

CANÇÃO DE AMOR.

Naquelle espessa serra alcantilada,
 You, Armia gentil, só habitar;
 Sem ver teu riso, sem ouvir-te a vós,
 Quero acerbas saudades soportar:
 Porque receio, ingrata, que te ven-to,
 Va meu terno amor sempre crescendo.

Dem distante de ti n'esse retiro,
 Vou ver si alivio encontro á minha dór,
 A essa dór tão forte, ó bella ingrata;
 Nasceida d'um sincero e puro amor.
 Talvez que lá na triste solidão,
 Socego possa ter meu coração.

D'aquelle, que idolatro, e por quem morro,
 Quanto me custa, ingrata, separar-me!
 bias quiz a desventura, quiz a sorte,
 A' sua dura lei tu vou curvar-me:
 Quanto soffre, ó Armia, um coração,
 Que só encontra fera ingratição.

O' Armia gentil, porque despresa,
 Aquelle, que por ti morre, e suspira?
 A quem jun riso teu mata de go to,
 Aquelle, que por ti terno delira?
 Ablanda, barbara impio, esse rigor,
 Não recuses, cruel, o meu amor,

Vou nas matas viver, e lá morrer,
 Ao suave prazer da natureza;
 Vou no deserto procurar socego,

Que jamais encontrei junto á belleza;
 Feliz, se m'esquecer d'essa tyranna,
 Que sempre foi conmigo deshumana.

A.

Rio, 2 de Fevereiro de 1852.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começa uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a do liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHAEL, Historis de França.

DOIS MALVADOS.

A lua serena e luzente, mostrava-se n'aquelle momento, limpida e pura, despida das nuvens que ha pouco a embaciavão por instantes; seu clarão argentava ás moveleças vagas, e parecia luzirem mil brillantes por entre a nitida espuma das que vinhão quebrar-se com estrondo de encontro ás pedras do Cáes.

Dois homens com passo vagaroso, chegavão de pontos oppostos, ao espaçoso passeio do Cáes: o alto embuçado, que seguimos desde a Praça Maior, deitou o embuço da capa para traz, tirou o chapéo, passou a mão gelada pelo humido cabello, e, suffocando um suspiro, murmurou levemente estas palavras.

— Já está feito!

Depois tornou a pôr o chapéo na cabeça, e sentando-se nos degraus da escadaria, encostou o rosto na mão e ficou abstracto por alguns segundos.

Era este individuo um homem de seus 40 annos de idade, moreno bronzeado, com grandes ligodes pretos, grandes olhos de cor incerta, e rosto enxuto; sem ser bonito, não podia em justiça chamar-se-lhe feio; com tudo, sua testa estreita e deprimida tinha o cunho da audacia, da crueldade e da estupidez: a parte do cerebello saliente em extremo apresentava as boças da persistencia e o desenvolvimento de todos os instinctos da destruição e do desenfreno mais completo.

Eis o retrato do General Oribe, tal como elle era ha 14 annos: quando era Presidente da Republica Oriental do Uruguay.

O outro individuo, que ali se achava tambem, ficou em distancia do Presidente: e tirando da sua algibeira um phosphoro acendeu um charuto, e poz-se a fumar, tão fresco e descançado, como se não tivesse tomado parte al-

Vêde os números 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

guma no sanguinolento *brinquedo*, que acabava de enviar um homem ao hospital.

Esta personagem era um desses homens que não faltão no mundo; ninguém conhecia-lhe sua origem ou patria; fallava todos os idiomas, e por isso mesmo não fallava nenhum b m.

Tinha estado em toda a parte, tudo tinha visto e conhecia todo o mundo; prompto a ganhar dinheiro, era espia, assassino ou ladrão, sempre que fosse para os outros; elle de per si, ou para si mesmo, nunca teria tido tanta coragem. Em fim era uma creatura inclassificavel, porque não existe uma palavra de desprezo para designal-o na lingua dos homens.

Tinha este sujeito uma cara beata, ou jesuitica, como vulgarmente se diz, e o unico sinal que o diferenciava entre a turba, era uma indelevel *nodoa vermelha* que tinha no meio da testa,

Aquella nodoa estava ali, como um sello da predestinação d'aquelle, que só tinha para os outros homens a adaga de Caím nas mãos e um odio acerbo no coração.

Passados alguns minutos o Presidente rompeu o silencio em que estavam.

Chega para aqui mestre; estou contente contigo; apossaste-te já dos seus papéis; e agora já não tens mais de ir para bordo fechar velas.

O homem da nodoa vermelha oibou para a lua, lançou algumas fumaças para o ar, cuspiu, tussiu, e por fim tirando seu boné de pelle de mono, começou a viral-o entre as mãos, sem dizer palavra.

— O lote está prompto? perguntou o Presidente,

— Sim senhor, respondeu o outro.

— E porque não partes? o tempo urge, o vento é bom, aproveita-o fazendo-te de vela.

E pondo-se em pé, Oribe se dispoz a partir.

O homem da nodoa vermelha não se mexia continuando a fazer girar o seu boné entre as mãos: emfim deu um passo para aproximar-se do seu interlocutor e estendendo a mão dice-lhe.

— Cumpri o meu contracto para com V. E. porém antes de partir quero receber as cem onças, que foi o preço que estipulamos.

Os scintillantes olhos do Presidente despedirão raios, e com voz mal segura de colera; respondeu-lhe;

— Vae; seras pago em Buenos-Ayres; esse preso, a quem interessa, não é a mim, é ao Restaurador Rosas.

— Nada, não sei disso, nem quero saber. Eu tenho contás com V. E. Cumpri a minha promessa que era inutilizar o Patrão da Sumaca, apoderar-me dos seus papéis, já o fiz, agora toca-lhe a V. E. Eu sem receber o comquibus não....

— Não te mexas d'aqui! interrompeu Oribe.

O homem da nodoa vermelha fez um aceno de affirmativa.

— Muito bem, continuou o Presidente, aqui tens cincoenta onças; o resto recebe-lhas por meio d'esta letra á vista; e immediatamente entregou-lhe um rolo de dinheiro e um papel.

O outro recebeu, e sentando-se por sua vez, principiou a contar as onças,

Um tremor convulsivo percorreu o corpo todo do General Oribe.

— Estás satisfeito? perguntou com voz rouca onde sua mal comprimida colera se revelava! O bandido poz-se de pé, e entregando-lhe o papel disse:

— Não quero papel, quero ouro!

— Já te dice que é uma ordem que tem a minha assignatura; repetia Oribe tremendo de furor.

O homem da nodoa vermelha permanecia na mesma posição, com a mão esquerda apresentava a Oribe a sua *letra á vista* em quanto que a mão direita perdia-se na algibeira da sua larga japona.

— Não vou para bordo sem o dinheiro; suppondes que sou algum doudo para confiar-me de V. E. nem do outro general!..

Veloz como o raio, Oribe levantou o braço armado de um luzente punhal sobre o peito do assalariado assassino, mas o seu braço cabiu desmaiado sem tocá-lo... O cano de uma pistola descancava mortifera hoca sobre o coração do Presidente!

Ocultando de novo o punhal, Oribe mastigou a letra que lhe era recusada, e tirando outro cartucho de onças o entregou ao assassino, sem lhe dizer palavra.

O trafante o guardou acrescentando depois: — Estou prompto; de-me V. Ex. as suas ultimas ordens.

— Parte sem mais demora; vae-te!

— Sem enfado Sr., até mais ver.

O homem da nodosa vermelha afastou-se ; e Oribe ficou só, em pé na borda do cães.

Os remos de um hote baterão n'agua, e uma voz robusta, porém aspera, cantava firme a barcarola veneziana ;

« Um pescador sull'onde, etc., etc. »

Ao longe baterão onze horas.

Os *Serenos* repetirão a hora com vozes já tristes, já roucas, já sonoras : e um — Sentinella ! alerta ! veio com moribundo écho até os ouvidos do General Oribe !

Escarneo !

Vigilante, com a espingarda ao hombro, velava o soldado pela segurança e a ordem publica ! já que infelizmente a lei é symbolisada pela baioneta nos nossos paizes !

Escarneo !

O chefe da nação, aquelle que devia ser o primeiro a respeitar e cumprir as leis, acabava de as violar atroz e escandalosamente !!!

Uma hora decorreu !

Oribe, com os braços cruzados sobre o peito, olhava diante de si sem ver... ! a lua illuminando em cheio o seu rosto fazia-o ainda mais pallido.

Meia noite !

O sino márcava lentamente uma par-unha suas badaladas no silencio da noite ; os *serenos* repetião a hora ao longe ; ouvia-se « alerta estou ! »

Barulho de correntes que suspendião o ferro, e aquelle canto monótono e triste, que entoava o marujo, quando sabe do porto, chegou aos ouvidos do Presidente.

O silencio tornou de novo com seus confusos ruídos da solidade : a claridade da lua devisa-vão-se as brancas velas de um *barcozinhu* que, impellido pela briza terra, cortava com rapidez a superficie movidica e prateada do mar.

Um longo foguete, lançado de bordo do *barco*, espalhou no ar suas instantaneas centelhas inflamadas, e depois apagou-se nas ondas.

— Já está feito ! murmurou o Presidente — e tornando-se a enfiçar na sua capa, começou a afastar-se rapidamente, bem como aquelle que quizesse fugir de si mesmo.

Pela parte opposta a aquella pela qual caminhava Oribe, chegavam ao cães dois homens : um d'elles trazia a festa amarrada e apoiava-se com força no braço do seu companheiro ; seu andar era vacillante, e tudo nelle revelava que só era sustentado pelo esforço supremo da soberana vontade do homem !

Chegados ao cães lançarão seus olhares ao fundeadouro, e verão perfeitamente o *barcozinhu* que parecia voar sobre o mar, como a branea gaivota por entre os juncoos da lagoa.

— *La Franceza!!!* exclamarão ao mesmo tempo os dois homens.

— Traição ! traição ! gritou Lostardo, que o leitor terá facilmente adivinhado ser o homem da testa vendada ; e extendendo os braços em direcção ao *barco*, parecia querer precipitar-se no mar e alcançá-lo nadando ; porém a expressão mais alta do esforço sobrehumano da nossa vontade, sem seus limites, que não é possível ultrapassar. Lostardo tocava esse limite mysterioso, onde a força phisica e moral do homem é aniquilada pela sua propria natureza finita ; exhausta a coragem e abandonado o espirito, o marujo caiu de novo sem sentidos, nos braços do seu fiel camarada.

OS RACHADORES DO PARANA.

No meio de uma espaçosa praça, formada por um claro do bosque, achava-se postado, com a sua gente e o *gachó Miguel*, o nosso illustre Juiz de paz do partido do Baradeiro, que por esta vez havia suspendido as lanchas de Minerva n'algum canto da sua estancia ; e empunhando o cutelo do carrasco representava o papel de *alguazil*, não do Santo Officio, mas sim da *Santa Causa da Federação*.

Como uma blasfemia ao Santo dos Santos, com uma horrenda parodia d'aquelle que se louva os dogmas santos do christianismo com seu sangue e seus martyrios, aquelles que mais sangue de seus semelhantes derramam, sempre escudarão suas maldades com o nome dos Santos !

Como fogo eterno de escandalo, de usurpação e discordia, um *Santo Padre* verteu torrentes de sangue humano ; a Cruzada Albigense e essas longas e atrozes guerras de religião, onde o delirio dos frades pretendia, á força de hecatombas sanguinolentas, apagar a tocha divina da intelligencia humana ! desmanchar a obra de Deus ! dizer ao homem « não penses escravo da igreja » reduzir a zero a suprema verdade do *livre albedrio*, presente da bondade do creador ; e por fim sustentarem de seculo a seculo essa interminavel lucta, na qual a ambição de um punhado de homens pretendeu arrancar á humanidade inteira seus direitos, suas tendencias e seu futuro !

A Santa Inquisição que, no meio das mais

barbaras torturas, sem respeitar idade nem sexo, tantas vezes arrancou blasfemias e tremendas maldições dos corações convulsos dos martyres! maldições impotentes contra o Deus que impassivel deixava perpetrar, em seu nome e para a sua gloria, os crimes mais nefandos; os attentados mais espantosos, sem que um raio vingador reduzisse a cinzas os monstros que assistia escarnecido da divina bondade do Eterno, invertendo sua incansavel misericordia em perpetua sede de carneficina e sangue!

A Santa-Alliança! monstro de mil cabeças que engolia povos inteiros em um dia, e cujos barbaros soldados não respeitavam, nem o *cadaver* das virgens que immolavam!

A Santa-Alliança! em cujo seio formigavam os mais nefandos homens, os frades mais hypocritas, e cujo negro estandarte deixava apoz de si larga estrada de caveiras e fumegantes ruinas!

E porfim! depois de todas estas santas coisas que alagarão de sangue a Europa, veio a Santa Caisa da Federação dizimar as jovens sociedades das verdes margens do Plata!

Dividida em grupos, a gente do Juiz de Paz, alguns jogavam as cartas sentados sobre a relva, com as pernas cruzadas ao modo Oriental; outros ao redor das fogueiras assavam gordas costellas e grandes pedaços de carne com couro; outros de vigia na margem do rio fingião rachar algumas arvores, cujos troncos verdes repellião o machado, pouco amolado que procurava derribalos.

Miguel, com os braços cruzados sobre o peito, via correr a rapida e silenciosa corrente, e a seguia com o pensamento até onde ella forma o grande Rio da Plata, cuja vista tanto admirara em Buenos-Ayres, e que ali parecera ao aventureiro joven, semelhante a um vasto oceano.

O Juiz de Paz, com as mãos nas algibeiras da japona, fumava, um sobre outro, seus pu-

ros correntinos e passeava em silencio; porque os homens investidos do emprego de Juizes, imaginava elle, que não devião confundir-se com os outros homens.

(Continua.)

Sentimas vivo prazer em annunciar ás nossas Assignantes a chegada da Sra D. Nizia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua intelligencia e illustração; tão respeitada pelo seu longo magisterio, ha 16 annos, empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvavel e digna de nossa admiração por sua dedicada constancia ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua patria. A Sra. D. Nizia estava ausente de nós ha dois annos e meio, viajando neste intervallo a França e a Inglaterra, onde visitou os melhores collegios de instrução, os mais abalizados litteratos, e senhoras illustradas; e ultimamente esteve em Portugal, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões respeitaveis na sciencia.

Está pois entre nós a Sra D. Nizia, demostre um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo.

Por imperdoavel descuido do nosso lithographo vierão alguns erros no romance francez que publicamos com o ultimo n. deste jornal, por isso apressamo-nos em rectificar-os publicando seus versos todos.

Oh souvenir rempli de charmes
Souvenir du premier amour!
Tu m'as bien fait verser de larmes;
Mais il est passé sans retour.

Si je pouvais la voir encore
Comme une rose du printemps;
Je lui dirais: — Ah! je t'adore;
Je suis le meilleur des amants.

Sa honte si rose, et si belle
Me répétait qu'elle m'aimait,
Que sa flamme était éternelle
Que notre amour était parfait.

Os dignos Redactores do Jornal — BEIJA FLOR — queirão aceitar as nossas sympathias e a nossa consideração,

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vai acompanhado de um lindo figurino de mulher tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lençol ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscryve-se para este Jornal nas cazas dos Srs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 30000 rs. na corte, 40000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.